

A FÉ EM SÃO JOSÉ E O IMPACTO EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS DA TV CABO BRANCO²⁴²

Luiz Custódio da Silva²⁴³

Sílvia Nancy Torres da Silva²⁴⁴

Tatiana Ramalho Barbosa²⁴⁵

RESUMO: O presente artigo traz como material empírico matérias sobre as celebrações e homenagens ao dia de São José veiculadas na TV Cabo Branco, afiliada Globo em João Pessoa, Paraíba, entre os anos de 2014 e 2021. Empregando a pesquisa bibliográfica e documental, buscou-se evidências de que ao abordar assuntos relacionados a manifestações religiosas, fica ressaltada a proximidade existente e cultivada entre o repórter e sua fonte ou personagem. Para realizar a análise, recorreu-se a marcos teóricos da Folkcomunicação propostos por Beltrão (1980; 2004), Trigueiro (2000; 2018), entre outros. Conclui-se que ao exibir e acompanhar de perto o que é crença para um povo, é possível apresentar material sempre inovador e criativo, mesmo em se tratando de um assunto repetido todos os anos. E, com isso, a emissora demonstra respeito, aproximação e cumpre com sua parte do contrato de comunicação.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Jornalismo e Religiosidade; Devoção a São José.

1 Folkcomunicação e manifestações midiáticas

Para compreender uma determinada população é necessário conhecer suas manifestações culturais, pois é a partir delas que as pessoas se comunicam. Partindo dessa premissa, desde a década de 1960 diversos autores têm realizado estudos e pesquisas sob o rótulo de *Folkcomunicação*, definido por Benjamin (1970, p. 21) como “o processo de intercâmbio de informações e de manifestação de opiniões, ideias e atitudes de massa, mediante agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”.

Na visão de Beltrão (1980), considerado o criador do conceito de Folkcomunicação, a grande massa se comunica e a opinião pública se manifesta não somente através dos meios de comunicação tradicionais – a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema, a arte erudita e a ciência acadêmica – para ele, um dos grandes canais de comunicação coletiva é o folclore.

Para melhor absorver Folkcomunicação é preciso esclarecer as duas partes que compõem a definição: folclore e comunicação. Para Kunsch (2000, p.113) estes dois termos,

²⁴² Trabalho apresentado no GT 3 (Folkcomunicação Midiática) da XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²⁴³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo/USP; Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo -PPJ da Universidade Federal da Paraíba/UFPB e da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB. E-mail: custodiocjp@uol.com.br

²⁴⁴ Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB, Jornalista e repórter da TV Cabo Branco, afiliada Rede Globo. E-mail: silviantorress1903@gmail.com

²⁴⁵ Graduação em Comunicação Social- Jornalismo e Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Jornalismo da UFPB. E-mail: tatiramalho@hotmail.com

(...) apesar de correlatos, expressam realidades diferentes: o folclore diz respeito às manifestações da cultura popular, abordadas pela Ciência do Folclore; a Folkcomunicação, por sua vez, lida com os aspectos comunicacionais dessas manifestações, constituindo hoje um campo de estudos que vem se consolidando, dentro da área de Ciências da Comunicação.

Luyten (1988, p. 58) define Folkcomunicação como “o conjunto de sistemas de comunicação popular em que os veículos são as próprias manifestações folclóricas”. Nessa mesma vertente, Kawaguchi (2015, p. 299) defende a Folkcomunicação, como a teoria capaz de compreender os processos comunicacionais presentes nas manifestações da cultura popular, “tomando como objeto de estudo aspectos da prática cotidiana de grupos marginalizados que criam meios próprios para transmitir seus fazeres e saberes, resistindo em um contexto globalizado.”

Apesar de relativamente recente, aos poucos a área vem se tornando cada vez mais autônoma, dada a quantidade de estudos publicados desde a manifestação concreta nessa direção: o artigo “O ex-voto como veículo de comunicação popular”, publicado, em 1965, na revista Comunicação & Problemas, da Universidade Católica de Pernambuco, da qual Beltrão foi o primeiro editor. A partir deste momento, aponta Trigueiro (2000, p. 6) que “iniciam-se as primeiras reflexões para formatação de um modelo de comunicação comunitária/horizontal, que viria a ser mais tarde a teoria da Folkcomunicação”.

Após a publicação do artigo supracitado, Beltrão publica sua tese de doutorado, em 1967 em que é feita a denominação inicial do termo. Contudo, foi apenas em 1980 que Beltrão escreveu o primeiro livro sobre o tema: *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*, onde, segundo Marques de Melo, Beltrão

Construiu um referencial teórico consistente, lançou pontes entre a *folk media* e a *mass media*. Ele reconheceu o universal que subsiste na produção simbólica dos grupos populares, percebendo, ao mesmo tempo, que os dois sistemas comunicacionais continuarão a se articular numa espécie de *feedback* dialético, contínuo, criativo.” (MARQUES DE MELO, 2008, p. 55)

Mais adiante, Beltrão (2004, p. 85) reforça a diferenciação entre os discursos da comunicação social – que são dirigidos ao mundo – enquanto que os da Folkcomunicação se destinam a um mundo em que “palavras, signos, gráficos, gestos, atitudes, linhas e formas mantêm relações muito tênues com o idioma, a escrita, a dança, os rituais, as artes plásticas, o trabalho e o lazer, com a conduta, enfim, das classes integradas da sociedade”.

Sobre a obra *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados* também Amphilo (2011, p. 199) acrescenta que Beltrão realizou estudo dos grupos sociais marginalizados e seu poder persuasivo e frisa que é neste grupo “que o ser humano massificado retoma sua identidade e pode ter sua liberdade de expressão resgatada”.

Atualmente, estudos em Folkcomunicação adquirem cada vez mais importância pela sua natureza de mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando “fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica” (MARQUES DE MELO, 2008, p.25).

Neste sentido, Trigueiro (2018, p.87) argumenta que dentro dos estudos da área, destacam-se as observações das festas populares, tanto sagradas quanto profanas que “sempre fizeram parte dos processos das transformações culturais e religiosas da sociedade humana”. Para o autor, os festejos do calendário litúrgico católico nos remetem ao passado e trazem para o presente uma mistura composta por “novos significados e referências impregnadas de apropriações e incorporações de valores simbólicos de bens de consumo que reestruturam e atualizam as dimensões culturais, religiosas, políticas e comerciais das festas populares na atualidade.”

Assim, também permeadas por simbolismos e crenças, são as manifestações populares em devoção a São José, tido como pai adotivo de Jesus, marido de Maria e um dos santos com maior número de fiéis no Brasil, especialmente no Nordeste brasileiro. Todos os anos, no mês de março, especialmente no dia 19, a fé, a esperança e a tradição se entrecruzam no desejo dos agricultores por melhores condições de vida no campo. Na labuta diária dos que tentam sobreviver de suas lavouras tão necessitadas de chuva.

2 A fé como representação da cultura popular

“Um sinônimo de cultura é tradição, o outro é civilização, mas seus usos se diferenciam ao longo da história” Santaella (2003, p.30). Da combinação perene, viva e ininterrupta, dos cenários de todos os atores de um dado país surge a cultura deste povo, com todas as suas variantes regionais e locais, um mosaico multifacetado de expressões, modos de ser e entender o mundo e de com ele interagir. Para Bosi (1992, p.16) “Na sua forma substantiva o termo cultura aplicava-se tanto às labutas do solo, à agricultura, quanto ao trabalho feito no ser humano desde a sua infância”.

A definição de cultura popular é dada justamente por outras classes sociais para definir as manifestações culturais de classes ditas subalternas. A cultura seria a parte do ambiente feita pelo homem pelo qual ele se identifica (SILVA, 2011). Arantes (1995, p.17) acrescenta que “Pensar a cultura popular como sinônimo de tradição é reafirmar constantemente a ideia de que sua idade de ouro deu-se no passado”.

As diferentes manifestações culturais vão além de um modo de vida, refletindo ações e reações entre grupos diversos, ou seja, ser e estar na sociedade implica estabelecer relações de

alteridade. Portanto, podemos dizer que essas dinâmicas culturais se caracterizam não só pelas trocas sociais entre sujeitos e grupos, mas também pela luta, confronto e tensões sociais. (KAWAGUCHI, 2015).

Uma forma de manifestação cultural popular é o rito religioso presente em todas as sociedades. Atualmente, nas comunidades cristãs, por exemplo, sempre são flagradas cenas do cotidiano como: o pagamento de promessas, a participação em romarias, procissões, missas, que se transformam em ocasiões especiais para seus pedidos e também agradecimentos. Desta forma, as festas religiosas, celebrações de santos, inserem-se na sociedade em momentos específicos. É um ritual que ocorre em determinados dias do calendário da comunidade e se repete periodicamente.

O Nordeste brasileiro, em especial, apresenta grande devoção a santos, tanto os “oficiais”, reconhecidos pela igreja, ou seja, os canonizados, assim como os santos populares que são criados a partir do imaginário de uma determinada população. E tudo tem relação com a fé, que é a crença dentro de uma concepção de certeza. E a realização do que se deseja por meio de uma intermediação forte. “Na relação íntima do crente com os intercessores celestiais, em geral por via do estabelecimento de pactos votivos, espera-se desde a mais radical das intervenções miraculosas à concessão de pequenos favores.” (BONFIM, 2018, p. 2)

Isto posto, surge o seguinte questionamento: de que forma o jornalismo pode contribuir para o registro e perpetuação das manifestações culturais, em especial as de caráter religioso sob o olhar da Folkcomunicação? Sabe-se, como esclarece Trigueiro, (2018) que as festas tradicionais de caráter religioso passam por intensas transformações, pois estão cada vez mais influenciadas pelo apelo midiático da indústria do entretenimento e do turismo. Apesar disso, há ritos e rituais presentes em comunidades marginais que preservam suas tradições e costumes de décadas e até séculos atrás.

Entendemos que mostrar em reportagens jornalísticas este “apelo midiático” criado pela própria imprensa ou por entidades governamentais é muito pouco. O jornalista precisa desenvolver o olhar etnográfico para perceber e mostrar manifestações espontâneas, carregadas de significação.

3 A devoção a são José e suas celebrações na paraíba

Entre os cristãos católicos a fé pode ser manifestada nas relações de devoção a santos, que assumem o papel de mediadores junto a Jesus. E com as graças alcançadas, a fama do santo

se espalha. E daí nascem os nomes das comunidades que vão passar a venerar determinado santo e a homenageá-los.

Cascudo (2002, p.353) aponta que

certos padroeiros determinam grandes concentrações populares em suas ‘festas’. Devoção-herança, curiosidade contagiante, maquinismo, sugestão lúdica, atração turística subsequente. É a grande devoção popular brasileira, na indizível atração do mistério vivo, ambivalência de amor e medo, proximidade e distância.

E São José é um exemplo do que relatou Cascudo. Segundo a crença cristã, ele foi o pai de Jesus Cristo e protetor da família sagrada. Nunca foi uma figura muito alardeada, mas conquistou um grande número de devotos no Nordeste brasileiro. Gasque (2015, p.16-17) acentua que as pessoas “não lhe são devotas todos os dias. De tempo em tempo, elas aparecem para lhe trazer um lírio em sua homenagem ou nos dias dezanove de cada mês, mas de forma mais ativa no dia 19 de março.”

Para o autor, a presença de São José nesta região pode ter sido influenciada pela presença do padre Cícero e do frei Damião, além disso, é tido como o “santo da chuva” e, como a seca que atinge severamente esta área do Brasil, é plenamente justificável que seus moradores recorram a São José para pedir chuva.

A religiosidade é um elemento cultural que está na rotina da população que vive na zona rural, onde as manifestações religiosas são seguidas à risca, com datas de santos celebradas com ampla participação do povo de cada lugarejo.

E, sendo os santos objetos das mais diversas “solicitações”, tratando-se especificamente dos desejos do povo do interior nordestino, o principal deles, sem dúvida, é por água. Campos e Studart (2001, p. 1) atestam que a região enfrenta graves problemas de abastecimento de água e que “as soluções propostas e praticadas cobrem o período pós seca de 1877 até a data atual.” Tanto que desde o período do Brasil Imperial se começa a pensar sobre a transposição do rio São Francisco que, apesar de concluída em 2018, bombeou água do rio para o interior do Nordeste com maior necessidade hídrica, ainda não beneficia grande parte da população necessitada. É primordial, ainda, muito empenho político e ações sustentáveis para que a chegada de água se torne uma realidade para suprir as consequências de longos períodos de estiagem.

Diante desse quadro desejoso, com apelos ao ente público não atendidos, só resta aos nordestinos pedir também ao plano espiritual. E é em nome da fé que o povo pede para que São José mande chuva no dia do santo, dia 19 de março. Como diz a crença popular, se chover no dia de São José, o inverno vai ser bom, e a expectativa é de lavoura farta.

A agricultura familiar ainda é a principal atividade econômica do interior da região. E como existe a fama de que o santo está associado à chuva, o dia de São José é a data mais aguardada pelos agricultores, pois depois desse dia, caso haja chuva, abre-se caminho para que eles preparem a terra, plantem as sementes e aguardem a prosperidade que vem do céu.

4 Análise das reportagens da TV cabo branco sobre São José

Todo o ritual, a crença em São José, ganha também interesse nas redações de telejornais que noticiam além do factual, comportamento, cultura. O festejo, as homenagens ao santo, tudo transforma o lugar que os vivencia e vira cenário para o surgimento de pautas ano após ano nas redações de empresas de comunicação. Essa mudança na rotina dessa comunidade, esse apego à religiosidade é algo instigante, curioso, também atrai o jornalismo. Nesse aspecto, o olhar de um repórter é um olhar de aproximação, de participante dessas manifestações populares, para que o conteúdo extraído venha com bastante emoção e verdade.

A TV Cabo Branco, afiliada Globo na Paraíba, especificamente no Bom Dia Paraíba, programa jornalístico matinal, consegue reunir uma variedade de assuntos pertinentes ao estado que com critérios de proximidade logo se tornam material jornalístico. O jornal é exibido em todo o estado e por essa razão tem como meta, também, trazer a rotina do campo. Desta forma, este noticiário se configura como o palco perfeito para a inserção de reportagens que vão além da indústria do entretenimento e que permitem mostrar a sutileza e sensibilidade do repórter. E são estas reportagens “especiais” que conquistam e fidelizam os telespectadores.

Somado a estes fatores, a TV tem também quadro fixo chamado Paraíba Rural, que vai ao ar toda quarta-feira, dentro do Bom Dia Paraíba, evidenciando ações no campo. E não só as ações empreendedoras, ligadas à economia local. A religiosidade, algo forte no povo interiorano, também é retratada, porque faz parte da identidade da comunidade, do município.

E foi por meio de visitas a essas comunidades que foi possível obter a informação que além dessa crença de que o santo pode trazer chuva, há também a de que ele pode mediar pedido a Jesus de bons partidos, de casamentos com pessoas leais. Isto se justifica por ele ser considerado um excelente pai adotivo de Jesus e um compreensivo e fiel marido de Maria. Desta forma há fiéis que acreditam que rezando pra São José é possível encontrar um pai para o filho que seja como o santo, bom pai, bom educador.

Também nesta mesma linha, São José é mostrado na Bíblia como um trabalhador ativo, portanto, são direcionados a ele pedidos de emprego e prosperidade no trabalho.

Destarte, pode-se afirmar que já se tornou rotina também no jornal matutino, o Bom Dia Paraíba a procura por pautas que retratem essa fé se renovando no povo católico. Várias reportagens foram produzidas para o dia de São José, não só no interior, mas na capital, João Pessoa, também. *Links*, com manifestações religiosas ao vivo também estão na programação do dia.

As pautas partem sempre da busca por um fator novo a noticiar. E, para ilustrar este artigo, foram selecionadas algumas reportagens realizadas pela TV Cabo Branco e exibidas no dia 19 de março (ou em datas próximas) entre os anos de 2014 a 2019.

A equipe da sucursal da TV, enquanto esteve na microrregião do Brejo, no Agreste da Paraíba, entre 2014 e 2017, fez reportagens anualmente para tratar da data. A primeira, no ano de 2014²⁴⁶, foi exibida dentro do quadro “Paraíba Rural”, durante o Bom Dia Paraíba. As gravações foram feitas no sítio Tananduba, na zona rural de Guarabira. O personagem de destaque é o agricultor Pedro Xavier que aparece plantando sementes de milho, feijão e batata doce, confiante que vai chover no dia 19 e a partir dali a chuva virá. A propagação desse ritual tão peculiar ajuda a perpetuar a crença popular que é passada de geração em geração.

A Vila Maia, situada na zona rural de Bananeiras, foi o palco da reportagem exibida em 2015²⁴⁷. A apresentadora do Bom Dia Paraíba, Larissa Pereira, começa situando a relação de fé dos moradores da vila com São José, que vem desde a fundação do lugar. A reportagem reúne entrevistas com moradores que são devotos e recordam graças por intercessão do santo. Dona Anita Queiroz é a primeira entrevistada. Numa atitude generosa de aproximação com a equipe, abriu as portas de casa, enquanto rezava o terço e se permitiu contar como conseguiu criar 25 filhos, superando muitos obstáculos com a fé no santo.

São José é o padroeiro da vila, fundada em 1877. O fato histórico curioso mostrado foi que o fundador da vila, que se chamava Antônio José da Costa Maia, antes de morrer, pediu para que a festa ao santo não terminasse por causa da sua morte. Ele morreu exatamente no dia 19 de março de 1926. Os moradores seguiram o desejo de Seu Antônio e realizaram a festa no dia do seu funeral. E assim, eles seguem contando a história do local, misturada à fé.

Em seguida, a reportagem mostrou a população preparando o andor com flores, decorando, para mais uma noite de festa. Com cenas gravadas durante uma novena. E, por se tratar de zona rural, foi encerrada com o depoimento de um agricultor que estava arando a terra, preparando pra plantar mais, confiante na chuva do dia 19 de março.

²⁴⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/neste-dia-de-sao-jose-as-atencoes-dos-agricultores-se-voltam-para-o-tempo-na-paraiba/3223265/> (Acesso em maio de 2019)

²⁴⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/moradores-da-zona-rural-de-bananeiras-na-paraiba-fazem-homenagem-ao-dia-de-sao-jose/4046374/> (Acesso em: 5 maio de 2019)

A reportagem especial sobre São José exibida em 19 de março de 2016²⁴⁸, foi ao ar, desta vez, no JPB1 e não no Bom dia Paraíba, como vinha acontecendo nos últimos anos. Foi decisão da edição do noticiário com a equipe de reportagem que houvesse uma reportagem preparada para ser exibida no dia do santo no JPB 1ª edição. O lugar escolhido para a produção foi o município de Dona Inês, no Agreste da Paraíba, que concentrava algumas particularidades sobre a devoção ao santo. Lá, ele é chamado de vôzinho. Por ser pai adotivo de Jesus, e como Jesus entre os cristãos é Pai da humanidade, os moradores afirmam que José é avô em Dona Inês.

A apresentação feita por Bruno Sakauê demonstra que na chamada entre blocos havia sido feito o anúncio da reportagem, gerando expectativa entre os telespectadores. Este fato é considerado comum, quando há produção diferenciada ou seja, quando a matéria é considerada “especial”, pois foge do factual do dia a dia. Após a explicação do apelido afetivo que o santo recebe de vôzinho, são apresentadas outras curiosidades, como o hábito de colocar o nome de José nos filhos, com a intenção de agradar o santo.

Há, ainda, depoimentos de pessoas que têm o nome de José e têm orgulho disso. Há também quem pediu água ao santo, num período de seca no município, e a água veio. E um fato marcante é que durante a reportagem estava passando uma procissão de Nossa Senhora Aparecida Peregrina, um ritual da Diocese de Guarabira que realizou visitas da imagem a cidades da região. Porém, a passagem por Dona Inês, coincidiu com o dia de São José. Então, todas as pessoas que tinham José em seu nome foram consagradas diante da santa. Um saudoso viva encerrou a reportagem, mostrando a riqueza de gestos e sons nos rituais religiosos no interior.

Como 19 de março de 2017 foi num domingo, dia em que não há noticiário local, a edição do Bom Dia Paraíba decidiu exibir a reportagem sobre São José na sexta-feira, dia 17²⁴⁹. Dessa vez, a equipe de reportagem de Sílvia Torres visitou os moradores de São José dos Ramos, Zona da Mata na Paraíba. A introdução do apresentador Giuliano Roque reforça a expectativa do povo interiorano por um dia de chuva no dia do santo. E a reportagem começa com depoimentos sem crédito de moradores sobre quem é São José para eles. Também é explicitado na reportagem como a imagem de São José chegou ao município, acompanhada das de Maria e de Jesus. E do surgimento da paróquia Jesus, Maria, José em 2013. Seguem os depoimentos de cura por meio da intercessão de São José. Pessoas que reafirmaram a fé com as curas que vieram de doenças crônicas. Com rituais muito particulares surgindo a partir das

²⁴⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/jpb-1edicao/videos/t/edicoes/v/agricultores-tem-esperanca-que-chova-no-dia-de-sao-jose/4896504/> (Acesso em: 5 maio de 2019)

²⁴⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/moradores-de-sao-jose-dos-ramos-falam-sobre-dia-de-sao-jose/5731487/> (Acesso em: 5 de maio de 2019)

graças alcançadas. Lágrimas de uma entrevistada Dona Conceição que sofria de uma dor de cabeça sem fim. “Mas a fé fez a dor desaparecer”, assim como está no texto da reportagem.

A devoção no município já se prolonga há mais de um século e tem relação com a fundação do lugar. É comum que crianças que nascem no município recebam o nome de José, visto que existe uma relação de pertença do município com o santo padroeiro. E assim, a reportagem que começou com música, os fiéis cantando para o santo, é foi concluída com outros sons, também ricos em simbolismos. Com Dona Zefinha que cantava no coral da igreja, mas depois que ficou viúva não queria mais participar e cuja devoção a São José falou mais alto. No fim da produção da reportagem, três dias antes da data de exibição, choveu. E as imagens e o som da chuva foram gravadas para encerrar a reportagem.

Em 2018, a TV Cabo Branco já não mantinha a sucursal em Guarabira, mas continuou produzindo e exibindo matérias no interior e conservou a tradição da reportagem sobre a devoção a São José em 19 de março²⁵⁰. Ela foi ao ar no Bom Dia Paraíba, conduzido por Patrícia Rocha.

Na introdução, a apresentadora ressalta a fama do santo como protetor da família, da igreja e dos trabalhadores. A equipe da repórter Sílvia Torres foi até a cidade de Lagoa de Dentro, no agreste, e mostrou como o povo religioso agradece pelas solicitações atendidas. Foram exibidos depoimentos de pessoas que dão testemunhos de graças alcançadas. Uma curiosidade exposta é que os pedidos são feitos a São José por meio de cartas, colocadas aos pés da imagem do santo. O local escolhido para a gravação foi a Fraternidade São José, da Ordem Franciscana Secular do Brasil. Durante as comemorações, os fiéis ainda percorrem as casas onde há alguém chamado José para levar a imagem até lá e rezar pela família.

Em 2019²⁵¹, a reportagem foi realizada em João Pessoa, na paróquia de São José, no Bairro José Américo. A equipe recebeu a informação de um telespectador que há algum tempo, o santo tem sido venerado por boa parte das mulheres solteiras que, em busca de um marido com boas qualidades, fazem pedidos para que São José lhes traga também o companheiro certo. Na matéria, fiéis falaram sobre a crença no santo. O retorno que tiveram por acreditar, os milagres acontecendo. E elas confirmaram que para conseguir o marido pra toda a vida, com bons valores, é preciso pedir a São José. Há também testemunhos de milagres, como o de uma mulher que tinha dificuldade para engravidar e quando estava desistindo de tentar, sete anos depois, pediu com fé ao santo, e o bebê chegou. Outro testemunho trouxe a história de uma

²⁵⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/dia-de-sao-jose-e-esperanca-de-chuva-para-agricultores/6593642/> (Acesso em: 5 de maio de 2019)

²⁵¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/hoje-e-o-dia-de-sao-jose-padroeiro-dos-trabalhadores-e-das-familias/7467328/> (Acesso em: 5 maio de 2019)

senhora, casada com um José, satisfeita por ser um homem tão bom. E depoimentos de outras mulheres desejosas de bons partidos.

O ano de 2020 ficou marcado pela pandemia de Covid-19 que assolou o mundo e mudou vertiginosamente a forma de trabalho de todas as pessoas. Na Paraíba, o decreto estadual nº 40.128, publicado em 17 de março determinou o início do *lockdown*. Outros quatro decretos também entraram em vigor até o fim daquele mês. Escolas entraram em recesso, eventos foram cancelados, comércio e shoppings fechados, a administração pública e empresas provadas passam a adotar o regime remoto de trabalho. No meio desse turbilhão de eventos factuais de extrema relevância, toda a atenção das redações se direcionou para cobertura e orientações sobre a disseminação do coronavírus no estado. Por isso, nesse ano atípico, não foi produzida nem exibida nenhuma reportagem especial sobre São José.

No dia 19 de março de 2021 a tradição retorna e foi exibida matéria²⁵² sobre o tema no JPB2, jornal da noite, de João Pessoa, da Rede Paraíba de Comunicação. A reportagem começa reforçando a tradição sobre as chuvas no dia do Santo. E depois parte para o ritual de homenagem e fé, mas, dessa vez, dentro das limitações impostas pela Covid 19. Além disso, optou-se pela ideia de apresentar celebrações tanto no campo quanto na cidade. A proposta foi tratar olhares sobre a crença em São José de forma diferenciada, mas sem ruptura por causa do distanciamento social imposto pela pandemia. Venceu a tradição, a fé do povo em São José.

A produção de cada reportagem requer uma pesquisa prévia para entender como cada comunidade, personagem do produto jornalístico, vem manifestando essa devoção ao santo. Depois de submetida à aprovação da edição do programa e da explicitação de como vai ser conduzida a pauta, a equipe vai a campo para extrair as falas, ou sonoras, de maneira espontânea, sempre tentando trazer a emoção à tona. Quanto mais tocar o telespectador, mais próxima do entrevistado estará a reportagem.

Dada a convergência na qual a empresa tem apostado e investido, o conteúdo, depois de exibido, geralmente ganha repercussão nas redes sociais, com a rotina de telespectadores que fazem contato por meio do *whatsapp* da TV Cabo Branco, até dividindo com as equipes outras expressões de gratidão ao santo (que provavelmente serão pautadas nos próximos anos).

²⁵² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9366194>. Acesso em 02/05/2021.

5 Considerações finais

Abordar assuntos relacionados a manifestações religiosas é mais uma maneira de evidenciar a proximidade existente e cultivada entre o repórter e sua fonte ou personagem. É também uma forma de autenticar e documentar na mídia a importância desses eventos. Para além da simples reprodução de manifestações “pré-fabricadas” pela chamada indústria do entretenimento e/ou pelo poder público. Buscou-se nas reportagens analisadas, mostrar manifestações individuais e das comunidades marginalizadas, no sentido proposto por Beltrão, que preservam a tradição e a singularidade dos gestos.

Quando publicado ou exibido, o assunto que é rotineiro para cada comunidade, ganha uma proporção além daqueles limites geográficos, e a população em questão dá seu voto de confiança ao veículo por poder se enxergar no material divulgado. Estas reportagens, promovem retorno para o local através da valorização e da visibilidade da cultura local. E, para o veículo, traz também o reconhecimento dos telespectadores de ser um meio de comunicação que se preocupa em propagar a manifestação popular.

Tratar de assuntos que são destacados como importantes para cada comunidade e que mexem com as emoções coletivas, poder falar sobre esses rituais e ouvir os personagens que dão vida às essas cenas, tudo isso provoca um ar de intimidade entre o emissor e o receptor em um processo de comunicação. Por isso, pautas religiosas são pertinentes e o produto da cultura popular resultado do convívio social e sua rotina.

Pautas jornalísticas com esse teor sempre atraem além dos telespectadores ligados à religião. Há também aqueles que se identificam pela localidade abordada, geralmente interior, e logo levam os receptores a lembranças, à uma memória afetiva.

Normalmente, pauta que se torna tradição é aprovada pela equipe de produção, mas sempre com o compromisso do jornalista envolvido poder trazer um diferencial para contar aquela história. Cabe ao profissional extrair do ambiente e das pessoas palavras que mais expressem a emoção nas homenagens a São José. E dar voz às pessoas, principalmente às comuns que permitem que esses ritos sejam tocados ano a ano, de geração em geração. Sem perder a arte que é montar cenas e sentimentos antes partilhados por ancestrais.

Conclui-se então que as reportagens produzidas nesse período de 2014 a 2019, com conteúdo religioso, enaltecendo as homenagens a São José, trazem abordagens diversas. Tendo sempre tendo como predominância a crença de chuva na data do santo como garantia de lavoura farta. Sempre nas “cabeças” (nome dado à introdução das reportagens), a fama de trazer chuva

é ressaltada, além de outras graças associadas ao santo. E em cada reportagem observa-se a particularidade de rituais, do que é tradição para se comemorar São José em cada lugarejo.

Relatos pessoais e emocionados ganham destaque. Cada história contada pelas personagens das reportagens remete ao folclore da região. E é de interesse do veículo televisivo, especificamente do programa matutino Bom Dia Paraíba, onde foi veiculada a maioria delas, porque trata de tradição, de rotina da comunidade. E apontar o comportamento de um lugar, a partir da fé, é assunto pertinente, de aproximação e de afeto entre os que assistem ao programa que é exibido para todo o estado.

Portanto, já se tornou ritual entre edição, produção e reportagem, pensar com antecedência em pautas diferentes para o dia 19 de março, Dia de São José. Sendo esta data a de maior importância para o interior nordestino, mais que a outra data em que se homenageia o santo, que é dia 01 de maio, Dia de São José Operário.

Tais festividades populares são vistas por Marques de Melo (2008, p. 79) como “identidade comunicacional, como ativadoras das relações humanas, produzindo comunhão grupal ou comunitária em torno de motivações socialmente relevantes.” Daí o interesse em retratá-las.

O desafio, a cada ano, é encontrar uma narrativa diferente, um novo olhar, um lugar ainda não mostrado. Publicar, exibir, acompanhar de perto o que é crença para um povo e suas manifestações, é sinal de respeito, de aproximação. Ouvi-lo, detalhando gestos, partilhando intimidades de superação graças à fé, proporciona uma identificação com o veículo, que passa a cumprir seu papel no jornalismo de proximidade, trazendo a *folkcomunicação* para as salas de estar dos paraibanos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 14 ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1995.

AMPHILO, Maria Isabel. Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, Ano 15 n.15, p. 193-212 jan/dez. 2011.

BENJAMIN, Roberto. A religião nos folhetos populares. **Revista de Cultura Vozes**. Petrópolis: Vozes, a. 64, v. 64, n.8, p. 21-28, out.1970.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.



redefolkcom



BONFIM, Luís Américo Silva. **Cultos e canonizações populares no nordeste do Brasil: notas etnográficas sobre processos de reparação post-mortem**. 2º Simpósio Nordeste da ABHR (Associação Brasileira de História das Religiões) Florianópolis/SC: 2018

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAMPOS, José Nilson B.; STUDART, Ticiania Marinho de Carvalho. **Secas no Nordeste do Brasil: origens, causas e soluções**. In: INTER-AMERICAN DIALOGUE ON WATER MANAGEMENT, 4., 2001, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Associação Brasileira de Recursos Hídricos, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Global, 2002.

GASQUE, Pe. Jerônimo. **São José, o lírio de Deus: Resgatando a devoção na piedade popular**. São Paulo: Paulus, 2015.

KAWAGUCHI, Renata Castro Cardias. Festas, folkcomunicação e religiosidade popular nas comunidades caiçaras e quilombolas de Cananeia (SP) **Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional**, Ano 19 n.19, p. 289-302 jan/dez. 2015.

KUNSCHI, Waldemar Luiz. Uma contribuição para os estudos de folkcomunicação. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 34, p. 181-197, 2º sem. 2000.

LUYTEN, Joseph M. **Sistemas de comunicação popular**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1988.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias a cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA, André Luiz da. Folkcomunicação: a representação cultural e religiosa no nordeste do folgado popular pastoril. **Revista Temática**. Ano VII, n. 04 – Abril/2011.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **O estudo científico da comunicação: avanços teóricos e metodológicos ensinados pela Escola Latino-Americana**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.

TRIGUEIRO, Osvaldo. Os agentes intermediários culturais e os processos de atualização na folkcomunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Ponta Grossa/ PR v. 16, n. 37, p.84-100, Julho/Dezembro 2018